

CARLINDA FRAGALE PATE NUÑEZ\*

## A POÉTICA DO DESCENTRAMENTO EM CLARICE LISPECTOR

### RESUMO

O binômio leitura/escritura pode atuar como desmascarador dos preconceitos fono-logo-etnocêntrico por que se pauta a cultura ocidental. Esta problemática organiza estrutural e tematicamente o conto "A antiga dama", de Clarice Lispector, através da cadeia de significantes constituída por mulher/velhice/morte/odores, de cuja análise emerge um verdadeiro processo de revanche escritural.

### RÉSUMÉ

Le binôme lecture/écriture peut actuer comme révélateur du pré-concevoir phono-logo-ethnocentrique qui règle la culture occidentale. Cette problématique vient organisée structurelle et thématiquement dans le conte "A antiga dama", de Clarice Lispector, par la chaîne de signifiants formée par femme/veillesse/mort/odeurs, dont l'analyse conduit a un vrai process de revanche scripturel.

\* Professora de literatura Grega da U.S.U./RJ  
Mestre em Literatura Comparada pela UFRJ  
Doutorando em Literatura Comparada pela UFRJ

"La dynastie de la parole peut être plus violente que celle de l'écriture, son effraction est plus profonde, plus pénétrante, plus diverse, plus sûre".

JACQUES DERRIDA

1. Em Clarice Lispector, encontra-se um autêntico projeto literário, verificável a partir da absorção do ocasional, do cotidiano ou do corriqueiro como emissários de sentidos latentes, arquivos de questões irresolvidas, memórias palimpsésticas.

Ao lado das críticas pejorativas à "literatura metafísica" da Clarice, afirma-se a razão a que veio: romper com uma atitude literariamente consagrada (a "literatura de representação"), que modaliza os preconceitos logo-fono-etnocêntrico da cultura ocidental, a fim de realizar a vocação polissêmica do texto e do seu endereçamento à multiplicidade de leituras.

Sob esta perspectiva, a figura do autor se torna inatual, cedendo lugar à de "locus" onde a linguagem se estrutura e organiza; o texto cumpre seu estatuto etimológico, flagrado como escritura ou processo de produção de sentidos, e o leitor se desloca da condição passiva a ele conferida para a função de decriptador, decifrador de um código cujas chaves se encontram no seu próprio arsenal de leitura.

Optando, pois, por uma proposta literária que se gesta na ambigüidade, promove a simulação, investe sobre o silêncio e adere ao modo propriamente indeterminador do texto (que se expõe pela camuflagem), Clarice consoma uma poética de descentramento dos bastiões da cultura ocidental: sabota a soberania da palavra oral pela eloqüência de discursos outros;

desentrona a tradição judaico-cristã como contorno plausível para o espaço infinito em que se projeta o homem.

Menos metafísica que articuladora de um universo organizado metafisicamente e que se traduz por signos investidos de significados igualmente metafísicos, a literatura de Clarice se peculiariza pela combinatória inusitada de significantes, que se suplementam subversivamente neste universo a que visam representar.

Através do conto "A antiga dama"<sup>1</sup>, serão discutidos os pressupostos poéticos<sup>2</sup> acima apontados — o que constitui, no conjunto de inúmeras possibilidades, uma de suas leituras.

2. O princípio do descentramento implica, necessariamente, a adoção da linguagem como fundamento do real, no qual "logos" e mýthos" intercambiam vigor e forma. Surpreendidos não como par antinômico, mas unidade de forças opostas em tensão, os dois termos funcionam como desestabilizadores da concepção de origem e, compensatoriamente, instituem o exercício da linguagem originária, que gera a possibilidade de significar através da língua.

Nesta, encontram-se depositados os significantes que, abolindo com o confinamento da palavra unívoca, concertam redes semânticas responsáveis pela urdidura e pelo deslindamento da trama escritural.

Assumindo a postura irônica de construir-se por signos positivamente conotados na esfera consagrada da significação, "A antiga dama" tematiza o interdito, seleciona da fisiologia dos sentidos o mais desprezível deles (o olfato) como desdobramento metonímico e paradigma de sentidos marginais e

desprestigiados na ordem cultural vigente, enfim, assume a usurpação do solene e do sublime como palavra-de-ordem de seu fazer-se.

Estes, os três aspectos coerente e dialeticamente relacionados de que se passará a tratar.

## 2.1 - Império do inter-dito

Sintomaticamente, inaugura-se o discurso pela elipse do sujeito oracional ("Morava numa pensão da Rua São Clemente"), ausência sintática que plenipotencia o título e sobredetermina toda a dinâmica textual.

Na verdade, a saída da zona do silêncio pré-textual se dá pela irrupção da linguagem, que constitui o sujeito e o leva a palmilhar as veredas abertas pelos significantes, seus suplementos.

Nessa medida, o texto, que oculta sintaticamente o sujeito, tematiza a falta que nele medra e se insinua, supletivamente, no título-apodigma: a anterioridade problemática que reveste a mulher, imantada pelo sema nobiliárquico, cortesão, quase majestática — é "antiga" e é "dama" —, mas despossada do esplendor erótico. Em vez de sacerdotisa que oficia o culto, vítima sacrificial, exposta como carniça, a que o texto distingue pelas referências ao pescoço (sujo ou limpo).

A renúncia ao nome próprio configura não a personagem narrativa, mas o ator ("hypokrités"), ser-de-teatro, indiferenciado, sem marca, sem "lôgos" próprio, feixe de possibilidades à procura de um papel **outro**<sup>3</sup>, que não o de "rainha-do-lar", apanágio da fidelidade e da castidade, ideal de

sublimação erótica, ou, cânone máximo da ordem patriarcal-logocêntrica, intermediadora, que introduz os homens na Lei do Pai.

Tramando um discurso incompatibilizado com a falaciosa metafísica da identidade da presença, o discurso se organiza pela lógica do suplemento: propõe um "outro" (referido pelo epíteto "antiga dama") que representa o "mesmo" diferido; denuncia a carência, o vazio, a incompletude do que se tenta suprir (pela idade, a protagonista atualiza o avesso da "mulher-dama"; pelo aspecto do desempenho social, vê-se igualmente marginalizada, pois já não se insere no circuito produtivo do trabalho — e, nesta perspectiva, dissimula a exclusão com o estatuto da "nobre ociosidade"; pelo anonimato, ratifica a condição de órfã cultural, deserdado do circuito histórico, usufrutuária dos favores da realeza enquanto "rainha consorte"); em vez da pretensiosa captação da verdade, providencia um saber, ao projetar sentidos correlatos e obliquamente remissivos àquele que por si mesmo não se pode efetivar (por um lado, a permanente demanda do objeto interdito, especificamente, a realização do arquétipo de Jo-casta — que consuma o incesto desejado; por outro, a reabilitação da primigena ordem matriarcal, que se manifesta como recalque na atual, centrada no Pai e responsável pela desqualificação da mãe como objeto de desejo).

Em todos os sentidos, a protagonista encena o censurado, o que homologamente projeta a escritura no campo do interdito, do que é dito por alusão, visto por refração, intuído porque evocado.

Não gratuitamente, o cenário em que a protagonista

atua/impera é uma pensão, local semi-público associado, pela ambiência olfativa, às áreas de serviço, copas ou asilos, ou seja, espaços onde apodrecem organismos vivos e o equilíbrio vital ou se desfaz ou vive ameaça iminente. Ao contrário da farmácia, do salão-de-baile, do salão-de-concerto, do albergue ou da sala de audiências (espaços de variedades, de celebração da vida e de permanente energização/renovação), a pensão de velhos corresponde ao local privilegiado para a lembrança. Espaço de confinamento, propicia a atenção ao escoar do tempo e à sucessão; cristaliza a impermanência, enquanto resguarda o degradante espetáculo da putrescência e o risco de infecção.

Como esclarece Alain Corbin<sup>4</sup>,

Além da eliminação do ar confinado dos cantinhos, a única maneira de se ver livre dos odores importunos e de reservar o espaço privado para os delicados eflúvios da intimidade é mesmo fazer uma triagem e conter os aromas mais violentos nos locais a eles destinados.

O atendimento a este recente processo de desodorização doméstica se traduz pelo refreamento à miscelânea dos odores/desejos familiares. Onde, tanto quanto atendimento à sexualidade, a perturbação olfativa trazida pela velhice se tornou obscena, pois evola mensagem de morte.

De forma inusitada, reatualiza-se a associação entre Eros e Tanatos, inscritos no texto como as duas mais graves interdições subsumidas na antiga dama.

A pensão vem claramente apresentada não como espaço que

se habita, mas tão-somente, local provisório, etapa terminal da errância humana, vestibulo da "morada eterna", enfim, em pório de morte.

A lassidão ("cabelos ralos que, escapando do coque magro, esvoaçavam à menor brisa"), o excesso ("era volumosa"), o isolacionismo (vivia em "seu minúsculo quarto"), o paroxismo dos sentidos ("cheiro de galinha"), a excepcionalidade do movimento ("grande volume sustentado por pés minúsculos"<sup>5</sup>), a excitabilidade ("na potência dos cinco dentes"), o esvaziamento da personalidade ("ainda falava francês com quem tivesse oportunidade, mesmo que a pessoa também falasse português"), a retirada das águas e o silêncio ("boca-seca, arida... dava-lhe uma contenção"), não deixam de consumir a forma pletórica por que tanto o erotismo quanto a morte se manifestam.

Esta correspondência, entretanto, consegue exceder a mera tábula de semelhanças que atesta a natureza paradoxal e fragmentária da verdade, ao repercutir, pela camuflagem (ou seja, pelo modo transgressivo do erotismo e da ostentação da morte) a mesma violência monopolizada pela Lei.

Ao afirmar que

A vida, em essência, é prodigalidade da vida. Interminavelmente, esgota as suas forças e recursos, e interminavelmente destrói o que a cria. Desejamos o que faz perigar a vida<sup>6</sup>,

Bataille dimensiona a propensão humana para o confronto, a disposição bélica verificável como constitutivo contrário-complementar da vocação para união e a continuidade. Em outros termos, recoloca a correlação entre instintos sexuais e

agressivos proposta por Freud.

Sob esta perspectiva, entende-se como o texto organiza, na dimensão do aparato/aparelhamento sônico/militar a sublevação contra a ordem fono-logocêntrica: nos dois primeiros parágrafos, em função do jogo de significantes que atualizam a Lei e a sua transgressão, como que delimitam-se os conjuntos hostis.

A nostalgia do paraíso perdido ("sua reputação passada não fora inventada"), que retroage à idade de um abandono muito anterior ao divisado pela duração da vida da protagonista e reporta ao matricídio simbólico<sup>7</sup>, ao drama da retirada do estado de plenitude indiferenciadora pela fratura da hipóstase materna, esta nostalgia inidentificável mas que se impõe enquanto falta inalienável e irresgatável, aqui se apresenta nos termos da própria moldura fono-logocêntrica que a gera ("A ausência de saliva tirava-lhe qualquer volubidade da voz, dava-lhe uma contenção"). Tributário ainda da instância teísta a que, pela repetição, visa desmascarar, o texto providencia um general/protagonista avalizado pela reputação, pelo contorno onde "havia majestade e soberania" e pela superioridade perante os interlocutores (impunha o diálogo em francês, mesmo a quem "preferisse não corar com a própria pronúncia").

Os três parágrafos seguintes enquadram a declaração de hostilidade no âmbito da exuberância agressiva. Esta etapa textual vem sobredeterminada pela ameaça da reversão a que todo confronto conduz.

Sob o signo adversativo, todas as realidades passam a se configurar pelo seu contrário,

Mas houve a segunda-feira de manhã em que ela, em vez de sair de seu minúsculo quarto, veio da rua. Estava lisa e com o pescoço claro, sem nenhum cheiro de galinha,

decorrência do valor supletivo emprestado à violência (significante de outros significantes) no conjunto semântico da guerra: reatualiza-se enquanto violência organizada, usufrutuária do levantamento da proibição de matar e da compulsão à prodigalidade de morte(s).

Desta forma, o quadro de ataque e defesa constitui cena magnífica, luxuosa ("Estava de vestido preto de cetim já fosco", "sentou-se na sala de visitas", gozou de "um banho de imersão que tomara na confortável banheira da nora"), o que reconota o programa escritural transgressor, dissimulado, oculto como **regicídio** intentado pela mãe, após a constatação de que o filho legítimo justifica o legado paterno.

Modalizadora ainda da violência, mas diferida tanto do filho abandonado, que trama o parricídio, quanto do pródigo, que é reconicionado ao ambiente doméstico, a protagonista traz da visita de domingo, o dia do Senhor, o eco de seu discurso e a mímica de suas atitudes (procedimentos que o discurso se encarrega de exorcizar). Ainda sem direito a voz, pelo discurso indireto profere lugares-comuns de jargão institucional ("disse que a família era a base da sociedade"), adota a postura alienante (porque monológica) do púlpito ou da tribuna ("só tendo conversas adequadas a um suposto salão invisível"), adere à conduta teatral de porta-voz das esferas de consagração ("levantada a grande cabeça de profeta"), todos, gestos verbais que ratificam o caráter repetitivo, inócuo e fantasmagórico<sup>8</sup> da ordem vigente.

Na dissimulação do ato de dizer (quando o texto adota os verbos "referiu-se" e "elogiou"), o código abre espaços de significância que reproduzem as fendas camufladas sob a integridade do real.

A aparente desvalorização do que é dito "de passagem" (banho de imersão), tanto quanto a superlativização do que é excessivamente valorizado (o "jantar magnífico"), indiciam a "Spaltung" (fissura) freudiana, a situação do sujeito dividido, em permanente demanda do objeto interdito — o gozo narcísico (pela captação de si mesma no hídrico ambiente do banho) e o prazer sexual (referido pelo prazer gástrico).

Deflagrado o conflito em terreno inimigo, prevalece o entorno de morte. A náusea, signo recoletivo da purulência, ratifica o horror pela podridão e por sua congênere simbólica, a obscenidade do sistema e/ou da velha, ambigüizados.

O ritmo atardado impresso na memória e na revivescência prazerosa da idade em que imperava, majestática, sob o cetro ginecocrata, consigna a captação do prazer ilusoriamente usufruído no prolongamento do domingo (dia da festa androcrata), tanto quanto a incontidência física, a insurreição arterial, a provocação da excedência artificialmente confinadas ao padrão da conveniência ("De tarde, via-se que os sapatos abotinados já lhe apertavam demais os pés").

O contraponto à experiência antitética da segunda-feira (dia de brilho artificial, selênico) se estabelece pela aceleração do ritmo narrativo, que confere com a precipitação dos acontecimentos (náusea e vômito) e a ordenação paratática do discurso: "Depressa foi para o banheiro, ouviram-na vomitar, recusou ajuda..."

A rendição aos parâmetros da realidade repressora se dá, todavia, pela emanção do sopro plutoniano, das emanções telúricas, do regurgitar mefítico e do odor de carniça por que a protagonista é identificada na ordem do sol, do logos, do Pai.

No último parágrafo, a capitulação: "Não falou com ninguém". O preço pago pela transgressão de auto-contemplan-se são as "olheiras marrons" e a erradicação do instinto maculador, a "pele mais clara". Compensatoriamente, perpetua-se a mancha, na página branca em que se lavra a escritura.

## 2.2 - Arqueologia do(s) sentido(s)

Convocada a ultrapassar o(s) sentido(s) evidente(s) do texto, a leitura se faz tão mais profícua, quanto mais radicalmente segue a errância dos significantes e concede o vir-a-ser escritural. Isto porque o texto sempre diz mais do que aparenta e, constituído enquanto objeto de reflexão, propende a discorrer sobre a sua própria origem, sua pré-história mítica e oral, recrutando seus signos e símbolos preferenciais.

Assim é que, n'**A antiga dama**, repercute a vigência da oralidade através do narrador que assume seu papel, sem fazer qualquer concessão às personagens - tradição de autoritarismo, auto-referencialidade, absolutismo solapável na/pe-la própria perseverança com que é mantida.

O monopólio narrativo se exclui a fala direta das personagens, oportuniza a inserção de outros discursos.

Num contexto de prescrição e interdição, o primeiro procedimento alternativo é o silêncio olfativo, imposto à

protagonista pelo ideal de ordem, limpeza e beleza que norteia a cultura.

Três vezes mencionado no texto ("cheirava a quando a galinha vem meio crua para a mesa", "falta de cheiro", "sem nenhum cheiro"), o odor exalado da antiga dama constitui o selo da animalidade proscriita; a válvula que denuncia a ameaça morbífica e propicia o mergulho nas reminiscências; o estímulo à intimidade e auto-estima; a possibilidade de corrupção de um código olfativo que determina à mulher a res-cendência a flores e a proporcional desativação de pruridos sexuais, enfim, o incentivo à sedução e à discursividade do desejo.

Sentido do desejo, do apetite e do instinto, o olfato impõe-se tanto como registro da vida quanto anúncio de morte. É pela ambígua manifestação de miasma deletério e de odor balsâmico que se torna referencial privilegiado da ex-cedência do recalcado (a carne) e carência do objeto de de-sejo (o frescor das relações/emanações sociais — "Deixando sem jeito os pensionistas ainda de pijama e robe, ficou sen-tada horas **junto ao jarro da sala**").

Superando o tato e a visão pela capacidade de evocar sensações e impressões inexprimíveis, o olfato abre para a recuperação da intimidade e a consumação imediata do prazer. A fugacidade e a independência por que se manifesta corres-pondem ao acionamento do desejo impreciso, insaciável, que fundamenta o narcisismo.

O "banho de imersão que tomara na confortável banheira da nora" é o acontecimento decisivo que desloca a antiga dama do confinamento da pensão para o recanto mais íntimo do

espaço doméstico, do qual retorna investida do poder sedutor da rival (imagem tradicionalmente conferida à nora) e dos bens virtuais da identidade feminina — o luxo de ostentação, o desperdício, os tecidos sedosos, a elegância. Contextualizada no gabinete de toailete, a nudez abandona seu caráter vexatório para revestir-se de morna licenciosidade e de liberdade de movimentos; a solidão é imprescindível, como garantia de cumprimento imperturbável do ritual de higiene/saúde/beleza a que se destina; a reminiscência emerge, por ação da água corrente, do ar puro e da rescendência luxuriante — traços mnésicos que reatualizam a mulher do passado, a imagem do Outro, nostálgica e neuroticamente recuperada.

Através do código olfativo também se postulam mensagens sutis do projeto utilitário que o pretende desativar, ou, de forma estratégica, aculturar. Levando em conta o critério osmológico, confirmam-se as bipolarizações características do pensamento ocidental, conforme se pode verificar no breve esquema:

ODORES TOLERÁVEIS (domínio floral)	ODORES INTOLERÁVEIS (domínio animal)
mulher	doente
juventude	velhice
burguesia	povo
riqueza	pobreza
limpeza	sujeira
desamontoação	confinamento

Operação inaceitável, em respeito aos níveis de tolerância olfativa, é que a velha pensionista tente recuperar

o que já lhe fora alienado — a juventude, a benesse burguesa, os perfumes de Narciso. Na perspectiva do transgressor, impossível é sagrar-se à imobilidade, à castração, enfim, à morte em vida. De ambos os pontos-de-vista resulta a náusea.

Excluída da simbólica do jardim floral (que, mesmo fechado por cercas vivas, impede o sedentarismo, pois favorece as caminhadas e a respiração saudável), tanto quanto do jardim de hortaliças (murado, para garantir a preservação da sementeira e da colheita), resta à protagonista o recurso da artificialização, da naturalidade de prótese.

A nostalgia da antiga dama dá a reconhecer que a harmonia estabelecida entre a jovem e a flora se rompe com a idade. Àquela que perdeu seus perfumes juvenis restam as flores artificiais, figuradas no "largo vestido de estampadinho de ramagem, sob o qual se concede a liberdade flácida das carnes. "Seus vestidos de algodão barato" dissimulam o desvalor, a incomunicação e a angústia do ser que não se pode fixar, que não pode reter os elementos que o compõem.

Como esclarece Alain Corbin<sup>9</sup>,

Desinfetar — e portanto desodorizar—participa de um projeto utópico: aquele que visa a calar os testemunhos do tempo orgânico e a rechaçar todos os marcadores irrefutáveis da duração, essas profecias de morte que são o excremento, o produto dos mênstruos, a podridão da carniça e o fedor do cadáver. O silêncio olfativo não desarma apenas o miasma; nega o escoamento da vida e a sucessão dos seres; ajuda a suportar a angústia da morte.

Na mesma linha de prescrição, arrola-se o ideal aristocrático da pele nacarada, também três vezes referido no texto ("Estava lisa e com o pescoço claro"), "o pescoço não encardido", "a pele mais clara"). A transparência que deixa entrever o sangue azul compactua com a ofuscante brancura do lírio, constringedores signos de intocabilidade e de solidão majestáticas.

Menos que garantir-lhe a respeitabilidade ou o prestígio, a limpeza reproduz a pertença à estirpe dos derrotados, o reconhecimento junto à fraternidade dos traídos — o assentamento do trono de Lear.

Torna-se insígnia de desvalimento, marca de sensualismo extemporânea, ratificação do interdito, de qualquer forma, cristalização da falta (sujeira/sexualidade) que dimensiona o nojo<sup>10</sup> e a putrescência acumulada no corpo e na memória.

Nesta medida, reativam-se os sentidos intestinamente veiculados pela temática da opressão e da culpa trágicas: a mancha ancestral, a visão conspurcada ("seus olhos se fecharam de náusea"/ "estava de olheiras marrons"), a incondicionalidade do querer ("recusou ainda quando lhe bateram à porta do quartinho"<sup>11</sup>), a reatualização do "phārmakos" (bode expiatório), a construção de um universo regido pela ambigüidade, pela contradição e pelo paradoxo.

Não gratuitamente, reinstaura-se o percurso da personagem que, ao retornar o seu "tour" pelo exterior, volta transfigurada, fascinada, por efeito da inoculação do "phārmakon", remédio/veneno. O banho restaurador, entretanto, funciona igualmente como o precipitador dos sintomas letais

que, pretensamente, supunha eliminar. A aventura do "pharmakêus" (farmacêutico/feiticeiro) demanda a aceitação da anosmia e a ostentação da vida ilusória, ou seja, da dissimulação do processo de morte. O resultado por simular com "pharmakêia" (medicamento), a auto-imagem recolhida na "confortável banheira da nora", é a multiplicação de seus efeitos negativos, até o paroxismo da ejeção (vômito).

Não por outra razão o conto finaliza pela dieta gástrica/sexual que a idade prescreve à antiga dama: deve resignar-se ao chá (de suaves e terapêuticos aromas), às poucas falas, à decência e felicidade inúteis.

### 2.3 - Perversão do aromata

Enquanto os preconceitos do logo-fonocentrismo se explicam pelas idéias de Lacan e Derrida, o preconceito etnocêntrico se verifica na construção de um universo monológico, alicerçado sobre a idéia de dogma/dóxa, verdade absoluta, cujo lugar-tenente é a tradição judaico-cristã.

Corroborando a disponibilidade transgressora do texto de Clarice, o princípio de centralização exercido pelos acertos culturais já se presta como ponto de referência para a instauração, ainda que breve e silente, de uma discussão: o lugar da mulher, a sua afasia histórica, a sempre inatualidade de suas prerrogativas, o ser-de-cochia no teatro social.

Consagrada à vocação da maternidade, a mulher instala-se no degrau mais baixo das hierarquias vigentes, mesmo que, algumas vezes, até se sinta beneficiada pelo mascaramento do segregacionismo.

O fato é que, no mundo ocidental, vige a mulher-sem-logos,

em estado de sono profundo, embalada pelo sonho do Outro, seja o pai, seja o marido, seja o filho.

Entretanto, a violência com que a cultura a massacra não é suficiente para estancar-lhe o desejo. Ao contrário, converte-o em marca xamânica ("olheiras marrons"), signo de subversão dos atributos do Outro absoluto, isomorficamente representados pelo olhar ("Alguns pensionistas evitaram olhá-la"), pela luz ("a pele mais clara" era "o que ainda restava de estranho"), pela transcendência ("O Rei Lear"), enfim, pela verdade ("Fora feliz inutilmente"), sutilmente invalidados.

O texto reverte, no último parágrafo, por articulações subreptícias do enunciado, o quadro de derrota, expondo, em primeiro plano, a falência da Ordem; resguardada, sob o manto da rainha-consorte ("Estava quieta, grande, despenteada, limpa"), a realeza decadente.

Modalizada ainda pelo estatuto da mãe, revive o arquétipo de Deméter, que, ao ir à casa do filho (substituto do Sol), promove a sua catábase, não em busca da filha, mas da imagem de sedução encarnada na nora. O drama do retorno, tanto quanto as conexões anafóricas intra- e inter-textuais, ratifica o perigo das emanções telúricas, subterrâneas, sobre as quais a Ordem está sempre atenta, e a escritura, itimorata, ousa discorrer.

A obsessão da fissura, do interstício, das junções imperfeitas corresponde ao atar e reatar dos significantes. A repetição mapeia o terreno perigoso (que é preciso vigiar), pois por aí se manifesta o pior dos maus cheiros: o do subsolo dos lagos, onde germinam narcisos e se flagra o medo do homem

perante a podridão da história.

Da mesma forma, a transparência impressa no pescoço da protagonista, menos que determinar-lhe o requisito integrador à Ordem, sugere a lisibilidade da escritura através do rastro deixado pela experiência propriamente humana — da dor parturiente que só é suspensa no último respiro.

3. Ensejando o que se poderia denominar uma "poética de desconstrução", Clarice Lispector oferece, através de sua antiga dama, uma leitura da realidade que consigna o saber estabelecido e o não-dito. Em lugar do (hipotético) princípio de verdade, prioriza a rede de significantes dos quais se produzem efeitos de sentidos.

Autor e leitor, igualmente investidos pela linguagem, desempenham modos peculiares de leitura, de qualquer forma, leitura sempre transgressora, porque haurida da concepção de escritura, em oposição à veridicção dos discursos solenes e já consagrados. Na mesma medida, a lógica tradicional é convertida à proposição do paradoxo, e toda uma cultura literária conservadora se sujeita à reavaliação de seus mecanismos e funcionamento.

Com uma problemática que se centra numa das mais imperiosas interdições da modernidade — a morte, o texto se demite da fala do Pai imortal; sabota o simbolismo da castração pela vigência do erotismo, e dissemina suas prerrogativas através da revalorização significativa dos odores.

A seu modo, o conto "A antiga dama" cumpre o pacto estabelecido pelo título do livro a que pertence: por leves impressões, consoma uma **Visão do esplendor**.

NOTAS

1. LISPECTOR, Clarice. "A antiga dama". In: **Visões do esplendor** - impressões leves. R.J., Francisco Alves, 1975.
2. Seguindo a linha do pensamento derridiano.
3. Idéia definitivamente sistematizada por Pirandello, em **Sei personaggi in cerca d'autore**.
4. CORBIN, Alain. **Saberes e odores**. S.P., Companhia das Letras, 1987.
5. Não deixemos escapar aqui o simbolismo fálico dos pés (Cf. Édipo, o de pés inchados; senhores medievais, que impregnam a terra ao se apearem de seus cavalos, em atitude de posse e, ao mesmo tempo, anexação ao reino; astronautas, que precisaram pisar em solo lunar para ratificar o desventramento do universo pelo homem).
6. BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Lisboa, Moraes Editores, 1987. p. 77.
7. FREUD concebe a situação em **Totem e tabu**.
8. O adjetivo está empregado de modo a evocar a idéia lacaniana de materialização de um desejo.
9. CORBIN, Op. cit., p. 120.
10. Como define santo Agostinho, "inter faeces et urinam nascimur", o que cumula a sexualidade de toda uma pecaminosidade e promiscuidade insuperáveis.
11. Atente-se para o fato de que "quartinho" é uma denominação já desativada para "banheiro", o que corresponde à anterioridade da protagonista.

BIBLIOGRAFIA

- BATAILLE, Georges. **O Erotismo**: o proibido e a transgressão. Lisboa, Moraes Editores, 1980.
- CORBIN, Alain. **Saberes e odores**: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. S.P., Companhia das Letras, 1987.

ERRIDA, Jacques. "La Pharmacie de Platon". In: **La Dissemi-  
nation**. Paris, Éditions du Seuil, 1972. Pp. 69-198.

ISPECTOR, Clarice. **Visões do esplendor** — impressões leves.  
R.J., Francisco Alves, 1975. Pp. 79-80.

ANDOLFO, Maria do Carmo Peixoto. **Subterrâneos do texto**.  
R. J., Tempo Brasileiro, 1985.

EABRA, Selita e MUSZKAT, Malvina. **Identidade feminina**. Pe-  
trópolis, Vozes, 1985.

\*